

# QUIÇÁ CÉTICO: BORGES E A ESTÉTICA DO ASSOMBRO

Gustavo Ponciano Cunha de OLIVEIRA\*

- **RESUMO:** Este artigo tem como proposta apresentar o ceticismo de finalidades estéticas próprio ao autor portenho Jorge Luis Borges (1899-1986). A citação que motiva a primeira seção do estudo é retirada do epílogo de *Otras inquisiciones* (1952), na qual Borges atribui sua abordagem estética de textos filosóficos e religiosos, quiçá, a um ceticismo essencial. A leitura do ensaio “*La muralla y los libros*” revela-se fundamental ao permitir a comparação do fato estético, segundo Borges, com a suspensão cética do juízo (*epokhé*). Conclui-se que, diferentemente dos cétricos pirrônicos, Borges não empreende, em sua aplicação estética da suspensão do juízo, uma busca pela tranquilidade (*ataraxía*), mas a manutenção do assombro (*taraxía*).
- **PALAVRAS-CHAVE:** Borges. Ceticismo. *Epokhé*. Fato estético. Taraxía.

## Borges, aporético

*Otras inquisiciones* (1952) é formado por textos ensaísticos de Jorge Luis Borges publicados, em periódicos diversos, entre dezembro de 1939 e junho de 1953<sup>1</sup>, reunidos e revisados pelo autor. É recorrentemente apontado como uma coletânea fundamental para a compreensão do pensamento de Borges, para entender como ele concebe a literatura e o seu trabalho de escritor, especialmente pela clareza argumentativa do maduro ensaísta. Nele, o autor discute alguns de seus temas preferidos: sua percepção da tradição literária, como concebe a relação entre o tempo e a eternidade e os procedimentos argumentativos e literários que lhe parecem os mais efetivos. No conciso epílogo, Borges apresenta o que chama de as duas tendências do livro:

---

\* UFG – Universidade Federal de Goiás – Faculdade de Letras – Departamento de Estudos Literários – Goiânia – GO – Brasil. 74690-900 – gponciano.co@gmail.com.

<sup>1</sup> Todas as datas de primeira publicação dos textos de Borges apontadas neste artigo foram consultadas em “Bibliografia Jorge Luis Borges, 1910-2003” (FERNANDES, 2005) e comparadas à cronologia de Borges preparada por *Borges Center*, centro de estudos especializado na obra de Borges coordenado por Daniel Balderston e mantido pelo Departamento de Línguas e Literaturas Hispânicas e a *Dietrich School of Arts and Sciences* da Universidade de Pittsburgh. Subentende-se, em caso de ausência de remissão à edição anterior, que o texto citado ou comentado foi originalmente publicado na coletânea indicada no corpo do texto.

*Una, a estimar las ideas religiosas o filosóficas por su valor estético y aun por lo que encierran de singular y de maravilloso. Esto es, quizá, indicio de un escepticismo esencial. Otra, a presuponer (y a verificar) que el número de fábulas o de metáforas de que es capaz la imaginación de los hombres es limitado, pero que esas contadas invenciones pueden ser todo para todos, como el Apóstol.* (BORGES, 1974, p. 775).<sup>2</sup>

Poderíamos, como ponto de partida à leitura da citação, admitir uma acepção que estende o sentido do termo *ceticismo* assumido pelo autor e afirmar, sem receio de equívoco, que existe, ao longo da produção de Borges, uma dedicação à dúvida e à incredulidade que permite ao autor destituir dos discursos filosóficos, religiosos e científicos sua pretensão ao conhecimento objetivo. Borges o faz desarticulando seus procedimentos e a validade dos resultados alcançados – dedicação esta que a crítica especializada, com propriedade, localizou<sup>3</sup>.

Mas, por três instigantes motivos dados pelo autor de *Otras inquisiciones*, que na leitura explicitam-se, nos parece necessário aprofundar a investigação sobre as evidências de um ceticismo em Borges com o intuito de melhor compreendê-lo em seus detalhes.

O primeiro deles é o fato de que, no mesmo trecho citado, é perceptível que o ceticismo não se encerra em um trabalho de incredulidade que toca, exclusivamente, as ideias religiosas e filosóficas enquanto doutrinas. Estes discursos, destituídos de qualquer pretensa superioridade do acesso à verdade por vias dogmáticas (já se efetuando, assim, uma abordagem de influência cética), são igualados pelo autor ao mito e à literatura, que, frente às outras disciplinas, são largamente preteridos, julgados como inaptos à produção epistêmica. Todos, efetuada a suspensão, são observados por suas qualidades estéticas (e não mais pela pretensa capacidade de acesso à verdade), que, em Borges, como veremos adiante, têm como fundamento o assombro. Assim, as duas tendências de *Otras inquisiciones*, apontadas pelo autor no epílogo da coletânea, são complementares. O ceticismo só igualará filosofia, religião, mitologia e literatura no instante em que Borges permite-se reconhecer, na história do pensamento fixado nos livros de disciplinas diversas (ocidentais e orientais) que compõem os diletos volumes de sua biblioteca (sua **tradição**, seus **precursores**), a repetição, com pequenas variantes, de um número fixo

---

<sup>2</sup> “Uma, para avaliar as ideias religiosas ou filosóficas por seu valor estético e até pelo que encerram de singular e de maravilloso. Isso talvez seja indicio de um ceticismo essencial. Outra, para pressupor (e verificar) que o número de fábulas ou metáforas de que é capaz a imaginação dos homens é limitado, mas que essas contadas invenciones podem ser tudo para todos, como o Apóstolo.” (BORGES, 1999, p. 171). Para os nomes dos tradutores, consulte as referências, ao final do trabalho. São nossas todas as traduções em notas de rodapé desacompanhadas de remissão à referência.

<sup>3</sup> Alguns exemplos: Barrenechea (1965); Alazraki (1971); Arrojo (2001).

de metáforas – todas elas suficientemente assombrosas para cativá-lo e para se estabelecerem como material a ser esteticamente operado.

Diante de uma equivalência primordial, da impossibilidade de decidir-se por esse ou aquele gênero como o de excelência exclusiva na difusão das metáforas assombrosas que o arrebatam, Borges suspende o juízo. Esta suspensão aprova, por exemplo, que no ensaio “*Magias parciales del Quijote*”<sup>4</sup>, o literato Miguel Cervantes e o filósofo Josiah Royce sejam dispostos lado a lado, não sem um lúcido comentário que antecede a convergência e que sugere a primazia do interesse estético: “*Las invenciones de la filosofía no son menos fantásticas que las del arte*”<sup>5</sup> (BORGES, 1974, p. 669).

Literatura e filosofia idealista<sup>6</sup>, manejadas por Borges, servem igualmente para fundamentar o mesmo argumento estupefacente. O hipotético mapa da Inglaterra sugerido por Royce, que, de tão perfeito, deve incluir em si o mapa, que por sua vez inclui o mapa, e assim, sucessivamente, “*hasta lo infinito*” (p. 669), é, para a demonstração pretendida por Borges, tão eficiente como o fato de Dom Quixote, no segundo livro do romance de Cervantes, tornar-se leitor do *Quijote*:

[...] *tales inversiones sugieren que si los caracteres de una ficción pueden ser lectores o espectadores, nosotros, sus lectores o espectadores, podemos ser*

<sup>4</sup> Publicado pela primeira vez no periódico portenho *La Nación*, em 6 de novembro de 1949. Posteriormente recolhido em *Otras inquisiciones*.

<sup>5</sup> “As invenções da filosofia não são menos fantásticas que as da arte” (BORGES, 1999, p. 50).

<sup>6</sup> Neste artigo, denominaremos, de forma geral, “idealismo” um grupo de diferentes linhas do pensamento para o qual “a realidade é a forma (ou a ideia)” (FERRATER MORA, 2004, p. 1423). Estão incluídos nesta nomenclatura generalizante os platonistas e doutrinas análogas, assim como as doutrinas que partem do sujeito como princípio e ponto de conhecimento das coisas, especialmente o idealismo moderno. “Para o idealismo, ‘ser’ significa fundamentalmente ‘ser dado na consciência’ (no sujeito, no espírito etc.), ‘ser conteúdo da consciência’ (do sujeito, do espírito etc.), ‘estar contido na consciência’ (no sujeito, no espírito etc.)” (FERRATER MORA, 2004, p. 1424), sem que isso implique em reduzir a realidade ao sujeito ou à sua consciência. “Idealismo” está, *grosso modo*, em oposição a “materialismo”, termo referente a doutrinas que reconhecem “os corpos como a realidade” (FERRATER MORA, 2004, p. 1899, grifo no original). Mesmo em seus ensaios, Borges não é extremamente rigoroso ao tratar das diferentes doutrinas “idealistas”; prefere aproximá-las pelo efeito estético a afastá-las pelas diferenças epistêmicas; no ataque argumentativo, coteja-as para localizar suas variantes mais assombrosas, sem qualquer princípio de fidelidade a esta ou aquela doutrina, o que não o impede de eleger as que lhe parecem as mais eficientes. No primeiro parágrafo da seção B de “*Nueva refutación del tiempo*”, escreve: “*De las muchas doctrinas que la historia de la filosofía registra, tal vez el idealismo es la más antigua y la más divulgada. La observación es de Carlyle (Novalis, 1829); a los filósofos que alega cabe añadir, sin esperanza de integrar el infinito censo, los platónicos, para quienes lo único real son los prototipos (Norris, Judas, Abrabanel, Gemiste, Plotino), los teólogos, para quienes es contingente todo lo que no es la divinidad (Malebranche, Johannes Eckhart), los monistas, que hacen del universo un ocioso adjetivo de lo Absoluto (Bradley, Hegel, Parménides)... El idealismo es tan antiguo como la inquietud metafísica*” (BORGES, 1974, p. 766).

*ficticios. En 1833, Carlyle observó que la historia universal es un infinito libro sagrado que todos los hombres escriben y leen y tratan de entender; y en el que también los escriben. (BORGES, 1974, p. 669)<sup>7</sup>*

Ambos, Cervantes e Royce (assim como a emergente paráfrase ao comentário de Carlyle, que não preenche sequer as três últimas linhas do ensaio), assombram com seus inventos de representações encaixadas; operados pelo cético (incrédulo) Borges, nos destituem, ao menos temporariamente, dos argumentos que estabilizam nossa existência tranquila no mundo.

É por meio desta mesma suspensão genérica – resultado de um proceder essencialmente cético, formulada como *epokhé* – que é possível, em “Notas”<sup>8</sup>, mais uma (irônica) reflexão convergente:

*Yo he compilado alguna vez una antología de la literatura fantástica. Admito que esa obra es de las poquísimas que un segundo Noé debería salvar de un segundo diluvio, pero delato la culpable omisión de los insospechados y mayores maestros del género: Parménides, Platón, Juan Escoto Erígena, Alberto Magno, Spinoza, Leibniz, Kant, Francis Bradley. En efecto, ¿qué son los prodigios de Wells o de Edgar Allan Poe – una flor que nos llega del porvenir, un muerto sometido a la hipnosis– confrontados con la invención de Dios, con la teoría laboriosa de un ser que de algún modo es tres y que solitariamente perdura **fuera del tiempo**? ¿Qué es la piedra bezoar ante la armonía preestablecida, quién es el unicornio ante la Trinidad, quién es Lucio Apuleyo ante los multiplicadores de Buddhas del Gran Vehículo, qué son todas las noches de Shahrzad junto a un argumento de Berkeley? He venerado la gradual invención de Dios; también el Infierno y el Cielo (una remuneración inmortal, un castigo inmortal) son admirables y curiosos designios de la imaginación de los hombres. (BORGES, 1974, p. 280-281, grifo do autor).<sup>9</sup>*

---

<sup>7</sup> “tais inversões sugerem que, se os personagens de uma ficção podem ser leitores ou espectadores, nós, seus leitores ou espectadores, podemos ser fictícios. Em 1833, Carlyle observou que a história universal é um infinito livro sagrado que todos os homens escrevem, e lêem, e procuram entender, e no qual também são escritos” (BORGES, 1999, p. 50).

<sup>8</sup> O referido texto é formado por resenhas bibliográficas diversas. O trecho da citação faz parte de “*Leslie D. Weatherhead: after death*”, publicada pela primeira vez na revista portenha *Sur*, ano 13, n. 105, em julho de 1943, posteriormente recolhida em *Discusión*.

<sup>9</sup> “Compilei certa vez uma antologia da literatura fantástica. Admito que essa obra é uma das pouquíssimas que um segundo Noé deveria salvar de um segundo dilúvio, mas confesso a condenável omissão dos insuspeitos e maiores mestres o gênero: Parmênides, Platão, João Escoto Erígena, Alberto Magno, Spinoza, Leibniz, Kant, Francis Bradley. De fato, o que são os prodígios de Wells ou de Edgar Allan Poe – uma flor que nos chega do futuro, um morto submetido à hipnose – confrontados com a invenção de Deus, com a teoria laboriosa

Sem que a leitura fundamente-se sobre uma tradicional e consolidada hierarquia dos gêneros, sem uma determinação de atribuições exclusivas a esta ou àquela espécie textual, apóstolo, metafísico e poeta igualam-se. Por outro lado, a aporia não é embargo. “*La imposibilidad de penetrar el esquema divino del universo no puede, sin embargo, disuadirnos de planear esquemas humanos, aunque nos conste que éstos son provisorios*”<sup>10</sup>, escreve Borges (1974, p. 708) sobre o idioma analítico de John Wilkins, afirmação que, pela dedicação do autor ao assombro, caberia, sem dificuldades, deslocada do original, como comentário à esfera de Pascal (a terrível figura da Natureza, cujo centro está em toda parte e a circunferência em nenhuma); à tese dos dois livros compostos por Deus (o mundo e a Sagrada Escritura); à máquina de pensar de Ramón Llull, invento humano que pretende tornar física a divindade metafísica: formada por círculos concêntricos de madeira, nos quais estão grafados símbolos dos predicados divinos (a bondade, a grandeza, a virtude, a eternidade, o poder, a sabedoria, a vontade e a glória), que, se girados, resultam em “*una suma indefinida y casi infinita de conceptos de orden teológico*”<sup>11</sup> (BORGES, 1989, p. 440); ou ao sonho de Samuel Taylor Coleridge, que sonha um texto, *Kubla Khan*, sobre um palácio cuja planta, segundo o argumento ensaiado, fora sonhada cinco séculos antes pelo imperador mongol Kublai Khan sem que Coleridge o soubesse. Estes exemplos são, sem exceção, esquemas humanos (o esquema divino é tão só uma de suas variantes), igualmente estarrufados, criados em domínios intelectuais diversos, acionados por Borges para compor seus próprios textos.

Definitivamente, de partida, não há privilégios. Metafísica, narrativa fantástica, filosofia, conto policial, cosmogonia heresiarca, ensaio, nota biobibliográfica, exegética, resenha, mitologia, crítica cinematográfica, tratados científicos, vindicação, biografia, soneto, crítica literária, paratextos, comentários a falsos livros e a textos invisíveis; estão todos eles a serviço da estética do assombro peculiar a Borges – que compararemos com a ordem do pensamento própria ao ceticismo pirrônico: da suspensão do juízo (*epokhé*) em direção à tranquilidade (*ataraxia*).

---

de um ser que de algum modo é três e que solitariamente perdura **fora do tempo**? O que é a pedra bezoar diante da harmonia preestabelecida, quem é o unicórnio diante da Trindade, quem é Lúcio Apuleio diante dos multiplicadores de Budas do Grande Veículo, o que são todas as noites de Scherazade perto de um argumento de Berkeley? Venerei a gradual invenção de Deus; também o inferno e o céu (uma recompensa imortal; um castigo imortal) são admiráveis e curiosos desígnios da imaginação dos homens.” (BORGES, 2008, p. 168, grifo do autor).

<sup>10</sup> “A impossibilidade de penetrar o esquema divino do universo não pode, contudo, dissuadir-nos de planejar esquemas humanos, mesmo sabendo que eles são provisórios” (BORGES, 1999, p. 95).

<sup>11</sup> “[...] uma soma indefinida e quase infinita de conceitos de ordem teológica” (BORGES, 2010, p. 104).

O segundo instigante motivo que nos sugere a necessidade de investigar mais atentamente as evidências de um ceticismo em Borges é a ironia do autor ao empregar o advérbio *quizá* (indício prototípico de uma suspensão do juízo) na própria sentença em que aponta seu ceticismo: “*Esto es, quizá, indicio de un escepticismo esencial*” (BORGES, 1974, p. 775). A atenção recai sobre o fato de a incerteza surgir duplamente marcada.

O terceiro motivo é uma citação de “*La muralla y los libros*”<sup>12</sup>, mais precisamente, um fragmento do último parágrafo do primeiro ensaio de *Otras inquisiciones*. Depois de discutir o admirável caso do imperador chinês Che Huangti, que fortifica seus domínios com a construção da muralha da China e incendeia todos os livros do império anteriores a ele, Borges apresenta seu conceito de fato estético:

*La música, los estados de felicidad, la mitología, las caras trabajadas por el tiempo, ciertos crepúsculos y ciertos lugares, quieren decirnos algo, o algo dijeron que no hubiéramos debido perder; o están por decir algo; esta inminencia de una revelación, que no se produce, es quizá, el hecho estético.* (BORGES, 1974, p. 635).<sup>13</sup>

A partir desta citação, defendemos, é possível uma leitura que propõe um ceticismo próprio a Borges, que ultrapassa aquela primeira percepção apresentada, do ceticismo como mera dedicação à dúvida ou à incredulidade. Observaremos como o autor faz uso de uma suspensão similar à *epokhé* cética, não sem uma manipulação fundamental, interessante ao trabalho estético por ele proposto, que o afasta do pirronismo – fonte de seus únicos comentários acerca do ceticismo acompanhados de citações de textos marcadamente céticos.

Antes de partir para essa reflexão, são necessárias algumas notas.

É fato que Borges manteve contato com textos de filósofos céticos antigos. Porém, os fragmentos acionados não surgem aqui para dar base à elaboração de uma defesa da ideia de que Borges é um genuíno **cético** em relação a qualquer das correntes filosóficas associadas ao termo<sup>14</sup>. Não compararemos Borges a um grande

<sup>12</sup> Publicado pela primeira vez em *La Nación*, Buenos Aires, em 22 de outubro de 1950.

<sup>13</sup> “A música, os estados de felicidade, a mitologia, os rostos trabalhados pelo tempo, certos crepúsculos e certos lugares querem dizer algo, ou algo disseram que não deveríamos ter perdido, ou estão prestes a dizer algo; essa iminência de uma revelação, que não se produz, é talvez o fato estético.” (BORGES, 1999, p. 11).

<sup>14</sup> Como expõe Ferrater Mora (2004, p. 437), apesar de comumente classificar-se como cética exclusivamente a “escola filosófica” antiga, há outras correntes filosóficas céticas e “não apenas argumentos de caráter cético”. Um exemplo, aponta, é o período que vai de Erasmo a Descartes, no qual o pirronismo (o ceticismo levado ao extremo) foi aplicado em uma questão levantada pela Reforma – “encontrar um critério de verdade religiosa”, que é suspensa pela proposta da *regressão*

número de pensadores (independente das disciplinas a que são filiados) influenciados pelo ceticismo antigo, que se assumem ou não como céticos. Dedicaremos a comparar o fato estético de Borges, exposto por ele no ensaio “*La muralla y los libros*”, com ideias do ceticismo pirrônico. Nosso intento é o de apresentar a variante da *epokhé* efetuada por Borges. Diferentemente do que ocorre no pensamento pirrônico, a suspensão do juízo no autor portenho não opera o retorno ao *fenômeno*, movimento concomitante ao acesso à tranquilidade (*ataraxía*). Fascinado o autor pela impossibilidade de traçar certezas (estas, próprias ao pensamento tético), a suspensão do juízo em Borges será aplicada na manutenção do assombro (*taraxía*).

Os próprios contextos ensaísticos em que as ideias de Agripa e Sexto Empírico surgem nos dão uma sugestão de que a convergência ou superposição não implica em fidelidade. As propriedades céticas de Borges o levam a diluir a hierarquia dos gêneros literários e textuais. Manipuladas, apresentadas em fragmentos e paráfrases, as teses céticas pirrônicas igualam-se aos outros textos de disciplinas diversas: reúnem-se na enciclopédia de assombros borgiana.

A primeira referência aos pirrônicos nas *Obras completas* surge em “*Avatares de la tortuga*”<sup>15</sup>, recolhido em *Discusión* (1932):

*El próximo avatar de Zenón que mis desordenadas notas registran es Agripa, el escéptico. Éste niega que algo pueda probarse, pues toda prueba requiere una prueba anterior (Hypotyposes, I, 166). Sexto Empírico arguye parejamente que las definiciones son vanas, pues habría que definir cada una de las voces que se usan y, luego, definir la definición (Hypotyposes, II, 207). (BORGES, 1974, p. 256).*<sup>16</sup>

A segunda, em “*Nueva refutación del tiempo*”<sup>17</sup>, de *Otras inquisiciones*:

---

*ao infinito*: “para decidir uma disputa é necessário um critério de verdade, o qual requer outro critério para decidir o primeiro e assim sucessivamente *ad infinitum*”. A permanência do pirronismo foi influenciada pela publicação latina das *Hipotiposis* (1562) e por sua reimpressão, à qual foi anexada a tradução de *Adversus Mathematicos* (1569). Destacam-se, entre os céticos deste período, segundo Ferrater Mora, os nomes de Michel de Montaigne, Pierre Charron e Francisco Sanches.

<sup>15</sup> Publicado pela primeira vez em *Sur*, ano 9, n. 63, em dezembro de 1939. Fez parte de *Otras inquisiciones* (1952) antes de ser remetido a *Discusión*, volume no qual permaneceu para a publicação das *Obras completas*, em 1974.

<sup>16</sup> “O próximo avatar de Zenão que minhas desordenadas notas registram é Agripa, o Cético. Este nega que algo possa ser provado, pois toda prova requer uma prova anterior (*Hypotyposes*, I, 166). Sexto Empírico argumenta analogamente que as definições são inúteis, pois seria preciso definir cada uma das palavras utilizadas e, depois, definir a definição (*Hypotyposes*, II, 207)” (BORGES, 2008, p. 130).

<sup>17</sup> “*Nueva refutación del tiempo*” foi publicado pela primeira vez, em sua versão completa, como livro, em 1947, em Buenos Aires. Sua “nota preliminar” é de 23 de dezembro de 1946. Sua primeira parte é formada, com variações, pelo ensaio “*Una de las posibles metafísicas*”, publicado na revista

*Por lo demás, la frase **negación del tiempo** es ambigua. Puede significar la eternidad de Platón o de Boecio y también los dilemas de Sexto Empírico. Éste (Adversus mathematicos, XI, 197) niega el pasado, que ya fue, y el futuro, que no es aún, y arguye que el presente es divisible o indivisible. No es indivisible, pues en tal caso no tendría principio que lo vinculara al pasado ni fin que lo vinculara al futuro, ni siquiera medio, porque no tiene medio lo que carece de principio y de fin; tampoco es divisible, pues en tal caso constaría de una parte que fue y de otra que no es. Ergo, no existe, pero como tampoco existen el pasado y el porvenir, el tiempo no existe. (BORGES, 1974, p. 770, grifo do autor).*<sup>18</sup>

Borges destaca, na primeira citação, a *regressão ao infinito*, o segundo dos cinco tropos céticos de Agripa, “a necessidade de uma regressão ao infinito para encontrar o primeiro princípio em que os demais se sustentam” (FERRATER MORA, 2004, p. 2931). Para Borges, o tropo de Agripa resulta da transformação da regressão ao infinito que localiza nos paradoxos contra o movimento de Zenão (antes de percorrer um metro, é preciso percorrer sua décima parte; antes, sua centésima parte; antes, sua milésima parte...) <sup>19</sup>.

Na segunda citação, Borges parafraseia um fragmento do livro onze do *Adversus mathematicos*, o “*Pros Ethikous*” (Contra os Éticos), no qual o tempo é negado, para exemplificar, ao lado de teses similares, o forte anseio, ao longo da história do pensamento, pela refutação do tempo. Finalmente, Borges alcança o assombro de sua própria reflexão:

*And yet, and yet... Negar la sucesión temporal, negar el yo, negar el universo astronómico, son desesperaciones aparentes y consuelos secretos. Nuestro destino (a diferencia del infierno de Swedenborg y del infierno de la mitología tibetana) no es espantoso por irreal; es espantoso porque es irreversible y de hierro. El tiempo es la sustancia de que estoy hecho. El tiempo es un río que me*

---

*Sur*, ano 14, n. 115, em maio de 1944. Nas *Obras completas*, integra *Otras inquisiciones*.

<sup>18</sup> “De resto, a frase **negação do tempo** é ambígua. Pode significar a eternidade de Platão ou de Boécio e também os dilemas de Sexto Empírico. Este (*Adversus Mathematicos*, XI, 197) nega o passado, que já foi, e o futuro, que ainda não é, e contesta que o presente seja divisível ou indivisível. Não é indivisível, porque nesse caso ele não teria princípio que o vinculasse ao passado nem fim que o vinculasse ao futuro, nem sequer meio, pois não há meio naquilo que carece de princípio e de fim; tampouco é divisível, porque nesse caso constaria de uma parte que foi e de outra que não é. *Ergo*, não existe, mas, como tampouco existem o passado e o porvir, o tempo não existe.” (BORGES, 1999, p. 164-165).

<sup>19</sup> Agripa e a *regressão ao infinito* ressurgem em nota de rodapé no ensaio “Vindicación de ‘Bouvard et Pécuchet’”, publicado pela primeira vez em *La Nación*, em 14 de novembro de 1954, posteriormente recolhido em *Discusión*.

*arrebata, pero yo soy el río; es un tigre que me destroza, pero yo soy el tigre; es un fuego que me consume, pero yo soy el fuego. El mundo, desgraciadamente, es real; yo, desgraciadamente, soy Borges.* (BORGES, 1974, p. 771).<sup>20</sup>

Apesar da aludida transsubstancialidade da matéria que compõe o eu (sou o rio, sou o tigre, sou o fogo), o mais assustador para Borges é a assunção do tempo e de sua irreversibilidade. Não são necessários grandes exercícios denegativos para que o homem desespere-se diante de sua própria existência. A ideia faz lembrar um dos versos do jovem poeta portenho em “*Casi juicio final*”, de *Luna de enfrente* (1925): “*He dicho asombro donde otros dicen solamente costumbre*”<sup>21</sup> (BORGES, 1974, p. 69); lembra ainda a reflexão sobre a rua desconhecida em “*Sentirse en muerte*”, de *El idioma de los argentinos* (1928): “*La irrealizaba su misma tipicidad*”<sup>22</sup> (BORGES, 1994, p. 124).

É importante destacar aqui certa modulação no assombro borgiano com relação ao tempo enquanto duração de vida. Na *taraxia* própria ao ceticismo de Borges, os juízos permanecem suspensos; as convicções são questionadas e emparelhadas em uma série de conceitos igualmente desestabilizados para, posteriormente, serem esteticamente recuperadas, *vindicadas*<sup>23</sup>. Mas a morte é um elemento matizado, simultaneamente duvidoso e portador de uma certeza. O que se segue à morte é desconhecido – Borges vale-se esteticamente desse assombro, por exemplo, no conto “*El jardín de senderos que se bifurcan*” (1941), em que morrer é quase irrisório, já que, segundo a tese do romancista chinês Ts’ui Pên, que anima o diálogo entre o narrador e o sinólogo Richard Madden, continuamos a existir em séries temporais paralelas (convergentes e divergentes), nas quais vivemos vidas ligeiramente diversas umas das outras – uma antecipação de teses associadas à mecânica quântica, defende Alberto Rojo (2013). Mas, ainda assim, a morte é uma certeza quando percebida como a aniquilação que nos exclui da sucessão temporal. À emergência desta certeza, Borges reage com a melancolia que não implica em abatimento, mas em meditação e reflexão. A melancolia é produtiva e, por isso, é

---

<sup>20</sup> “*And yet, and yet...* Negar a sucessão temporal, negar o eu, negar o universo astronômico são desesperos aparentes e consolos secretos. Nosso destino (ao contrário do inferno de Swedenborg e do inferno da mitologia tibetana) não é terrível por ser irreal; é terrível porque é irreversível e férreo. O tempo é a substância de que sou feito. O tempo é um rio que me arrebatava, mas eu sou o rio; é um tigre que me despedaça, mas eu sou o tigre; é um fogo que me consome, mas eu sou o fogo. O mundo, infelizmente, é real; eu, infelizmente, sou Borges.” (BORGES, 1974, p. 166).

<sup>21</sup> “Disse assombro onde os outros dizem apenas hábito.” (BORGES, 2007, p. 133).

<sup>22</sup> “Tornava-a irreal sua própria tipicidade.” (BORGES, 1999, p. 159).

<sup>23</sup> Jaime Alazraki (1971, p. 442) chama essa operação da ensaística de Borges de estrutura oximórica: o argumento carrega uma rejeição que é concomitante a uma aceitação. No vocabulário de Borges, este procedimento se intitula *vindicação*: a depreciação aplicada ao objeto em análise é seguida de sua restituição, mas em âmbito estético.

também chave de retorno ao assombro: a reflexão convocará, mais uma vez, outros juízos assombrosos sobre o tempo e a eternidade – fato que, porém, não exclui a frequência “materialista” do conceito de tempo em Borges.

Borges, na primeira citação “pírrônica”, associa Agripa e Sexto Empírico a Zenão, dois cétricos e o monista que influenciou, com a dialética, de sofistas a metafísicos. O paradoxo de Zenão em questão é o da impossibilidade de movimento expressa na corrida de Aquiles contra a tartaruga, baseado na ideia de divisibilidade infinita das distâncias. Agripa, em uma hipotética contestação, refutaria tal impossibilidade como o fez Diógenes (BOLZANI FILHO, 2007, p. 58), simplesmente levantando-se para então se por em deslocamento e, provavelmente, para enriquecermos a conjectural situação, destacando os movimentos que fazem seus lábios ao pronunciar seu primeiro tropo, o que versa sobre “a relatividade das opiniões que torna discutível todo princípio” (FERRATER MORA, 2004, p. 2931). Assim, “o cétrico não está advogando a real existência do movimento e do devir e não pensa estar, portanto, incorrendo em dogmatismo, mas sim denunciando o supérfluo” (BOLZANI FILHO, 2007, p. 58). Agripa e Sexto Empírico chegam a seus objetivos pela suspensão do juízo; Zenão, por uma redução ao absurdo: assumir o movimento é assumir a mudança, a ideia de que a tartaruga ocupa diferentes segmentos da reta em diferentes instantes. A reta pode ser segmentada, afirma o adversário, que nega a unidade defendida por Zenão. A aporia eleática então se instala no argumento a ser refutado: propõe uma segmentação infinita – conduz o juízo adversário ao absurdo para assim contestá-lo. O que une Agripa e Sexto Empírico a Zenão (e eles a Borges) é o pensamento aporético.

No segundo caso, a citação de Sexto Empírico é mais uma variante das teses de refutação do tempo apresentadas no ensaio. Estamos aqui diante de um exemplo do uso de uma ferramenta hiperbólica (consequentemente irônica) recorrente em Borges, influenciada pelo exame atento e pela circunspeção, comuns ao ceticismo: o **ataque argumentativo**, que consiste em apresentar repetidamente, em um crescendo, novas contraprovas (de fontes diversas, mesmo que contraditórias entre si) diante de teses que ainda tendem a se sustentar. O argumento do cétrico grego apresentado em “*Nueva refutación del tiempo*” é, por sinal, aprimorado por um raciocínio idealista, defende Borges: “*F. H. Bradley redescubre y mejora esa perplexidad. Observa (Appearance and Reality, IV) que si el ahora es divisible en otros ahoras, no es menos complicado que el tiempo, y si es indivisible, el tiempo es una mera relación entre cosas intemporales*”<sup>24</sup> (BORGES, 1974, p. 770). Bradley aperfeiçoa discursivamente os resultados que foram apresentados por Agripa e Sexto Empírico. Ainda que construções aporéticas, conflitos dialéticos e

---

<sup>24</sup> “F. H. Bradley redescubre e melhora essa perplexidade. Observa (*Appearance and Reality*, IV) que, se o agora for divisível em outros agoras, não será menos complicado que o tempo, e, se for indivisível, o tempo será mera relação entre coisas intemporais” (BORGES, 1999, p. 165).

a suspensão do juízo sejam rapidamente remissíveis aos gregos desenvolvedores dessas ferramentas (eleatas e céticos), elas não são exclusividade de suas escolas. Bradley, que apresenta uma construção argumentativa mais interessante a Borges, é também um aporético. O ceticismo pirrônico é mais um dos gêneros dos quais se vale Borges para compor seus próprios textos. O único limite para seus usos é a validade e apoio junto ao argumento ensaiado pelo autor. Borges não se pauta por fidelidade a qualquer dos ideários por ele acionados. Por isso, em “*Nueva refutación del tiempo*”, cético, eleata e idealista (além de Huckleberry Finn – personagem de Mark Twain –, Bernard Shaw, o tratado budista *Visuddhimagga* e “*Sentirse en muerte*”) podem conviver em uma mesma argumentação.

## O assombro estético

Excluída, portanto, qualquer pretensão de defesa da fidelidade ou subordinação de Borges ao ceticismo com o qual será comparado, baseando-nos especialmente no uso livre que o autor, fundamentado na suspensão dos gêneros, faz dos argumentos céticos pirrônicos, observaremos como surge, no debate promovido por Borges, especificamente ao tratar daquilo que chama de **fato estético**, uma manipulação da dúvida que se aproxima (mas também se afasta) do trabalho da *epokhé* – mais um argumento que pode ser agregado à contestação de hipotética fidelidade ao pirronismo.

Retomemos o debate acerca do fragmento de “*La muralla y los libros*”.

Os fenômenos (naturais, culturais, emocionais) enumerados rapidamente por Borges na referida citação não parecem dotados de qualidades extraordinárias. Ressaltamos a relativa simplicidade dos itens da lista (do tratamento a eles dispensado), seja por seu caráter genérico (a música, não uma específica composição), seja por sua recorrência e infalibilidade (as rugas no rosto de quem envelheceu ou envelhecerá). O ápice deste funcionamento está no repetitivo uso do pronome indefinido *ciertos*, que potencializa a indeterminabilidade dos eventos que o acompanham. Há, no advérbio *quizá*, além do protótipo da suspensão cética, o indício de que a preocupação do autor está na reflexão sobre a iminência de uma revelação, independentemente dos acontecimentos observados – o que justificaria a generalidade da lista e a aparência marasmática de seus itens<sup>25</sup>. É justamente por esta característica fundamental, a

---

<sup>25</sup> Borges nos dá, em “*Historia de la eternidad*”, outra possível, diversa e hipotética explicação para o uso generalidade: “*No quiero despedirme del platonismo (que parece glacial) sin comunicar esta observación, con esperanza de que la prosigan y justifiquen: Lo genérico puede ser más intenso que lo concreto. Casos ilustrativos no faltan. De chico, veraneando en el norte de la provincia, la llanura redonda y los hombres que mateaban en la cocina me interesaron, pero mi felicidad fue terrible cuando supe que ese redondel era ‘pampa’, y esos varones, ‘gauchos’. Igual, el imaginativo que se enamora. Lo genérico (el repetido nombre, el tipo, la patria, el destino adorable que le atribuye) prima sobre los rasgos individuales, que se toleran en gracia de lo anterior*” (BORGES, 1974,

do cuidado dedicado ao segredo urgente, acompanhado da seleção de argumentos excepcionalmente assombrosos e da relativa despreocupação com o fenômeno em si, que Borges distancia-se do ceticismo pirrônico.

Como aponta Bolzani Filho, o critério de ação cética no pirronismo é o **fenômeno**, justamente por ser ele inquestionável: “assim o é porque repousa, afinal, sobre uma representação que, originada num assentimento e numa afecção involuntária, não pode ser objeto de dúvida e investigação” (BOLZANI FILHO, 2007, p. 59-60). Não é questionável ao cético, continua o pesquisador, que o mel lhe **apareça** doce, mas é passível de investigação a afirmação de que o mel é **realmente** doce. Existe uma diferença fundamental entre o fenômeno e o que se diz sobre o fenômeno, “quando se opina se algo é **tal como aparece** (HP I, 19-20)”<sup>26</sup> (p. 60). No segundo caso (uma possível concordância com a declaração de que o mel é **realmente** doce), ocorre o assentimento a algo não evidente (a própria definição de *dogma* segundo os céticos pirrônicos). Não assentir ao não evidente implica em suspensão do juízo (*epokhé*): ascender a um estado de intelecto em que nada é afirmado nem negado, em que nada é dito dogmáticamente. Desta forma, o cético alcança um estado de **equilíbrio** (*arrepsia*), já que não assume nenhuma entre as possibilidades conflitantes que surgem ao longo da investigação.

O objetivo do cético pirrônico, aponta Bolzani Filho (2007, p. 60-61), é a tranquilidade, a ausência de perturbação (*ataraxia*), perturbação esta gerada pela irregularidade (*anomalía*). Juízos discordantes de igual força e igualmente insuficientes levam à *epokhé*, que é seguida pela *ataraxia*, que anteriormente (na própria origem do ceticismo) se pensava alcançável por meio do acesso à verdade. Assim se define a capacidade cética: “um poder de opor, em cujo exercício se descobre a igualdade de força (*isosthéneia*) persuasiva das coisas que se opõem, que leva à suspensão de juízo e em seguida à almejada tranquilidade (HP, I, 8-10)” (p. 61). Com este objetivo, o cético colocará em prática seu princípio: diante de um argumento, opor outro de igual força.

Assim chegamos à dedução de Bolzani Filho (2007, p. 61), interessante à nossa investigação: a de que os fenômenos escapam à *epokhé* justamente porque são assentidos. A investigação cética pirrônica cuida de juízos, esses, passíveis de suspensão. Após a suspensão de juízo, “somos limitados a dizer ‘o que aparece’ – tradução literal do participio *phainómenon*” (p. 61). O retorno ao fenômeno (decorrente da consciência de que os diversos juízos, mesmo opostos, são igualmente insuficientes para explicá-lo) é uma consequência associada à *ataraxia*.

Anteriormente, chamamos de *fenômenos* os itens enumerados por Borges na citação de “*La muralla y los libros*”. Recorremos, mais uma vez, a Bolzani Filho

---

p. 358n, grifos do autor).

<sup>26</sup> As siglas às obras de Sexto Empírico referem-se a *Hipótiposes Pirrônicas* (HP) e *Adversus Mathematicos* (AM).

(2007, p. 66-68) e à sua leitura dos textos pirrônicos, baseada em uma tradição de estudiosos e comentadores (Burnyeat, Frede, Stough), para enquadrar todos os eventos incluídos por Borges em sua lista na categoria *phainómenon*. O interesse é ultrapassar o entendimento de que **fenômeno** é um conceito que se aplica exclusivamente às **coisas sensíveis**, aos “conteúdos de afecções ditas experimentadas de forma involuntária através dos órgãos sensíveis” (p. 66), restrição que, na lista de Borges, excluiria a **música** e a **mitologia**.

O cuidado recai sobre um trecho das *Hipotiposes Pirronianas*: “tomamos como fenômeno **agora** as coisas sensíveis (HP I, 9)” (BOLZANI FILHO, 2007, p. 66, grifo do autor). De acordo com o pesquisador, o advérbio em destaque marca o caráter provisório e, possivelmente, incompleto do conceito de *phainómenon* no fragmento citado. Bolzani Filho por isso busca, nos textos de Sexto Empírico, indícios de que, no ceticismo pirrônico, o conceito de fenômeno dê conta, além dos dados sensíveis, também dos **inteligíveis**. O termo *phainómenon* surge em construções nas quais funciona como adjetivo (traduzido por **evidente**), “por exemplo, a respeito de uma **prova** (HP I, 60), de uma **igual força persuasiva de argumentos** (HP II, 79 e 103), de um **juízo** (HP III, 71)” (p. 66, grifos do autor). Ao cético, todos esses itens são manifestos, impossíveis de serem enquadrados na categoria de dados sensíveis e seus objetos. Essas evidências sugerem, segundo Bolzani Filho, que **proposições** sejam classificadas como **fenômenos**.

Outro ponto relevante na sustentação da tese, defende o pesquisador, surge da leitura da proposta cética de quatro divisões da vida comum: necessidade das afecções; orientação da natureza; tradição de leis e costumes; aprendizado das artes. Esta vida comum, que o cético viverá **fenomenicamente**, exigirá, nas categorias **costumes, tradições, leis e ensinamento de artes**, “concepções ‘inteligíveis’ que os fixe como parâmetros” (BOLZANI FILHO, 2007, p. 67), proposições, preceitos, manifestações discursivas. Sem esta concepção abrangente de *phainómenon*, afirma o pesquisador, seria impossível a Sexto Empírico afirmar que “cada um dos outros filósofos diz o que aparece a ele próprio (*tò phainómenon hautôî*) (AM VII, 336)” (p. 67). Assim, os filósofos transmitem, com suas teorias, aquilo que a eles **aparece**, “afirmação cabalmente ilustrativa do vasto campo de referência do conceito. O fenômeno – e, portanto, a empiria – diz respeito tanto aos dados da sensibilidade como a todo tipo de concepção mental (*noésis*)” (p. 67-68).

Assim, nos parece, dá-se a defesa da inclusão de todos os itens enumerados por Borges na citação de “La muralla y los libros” – entre eles a **música** e a **mitologia** – na categoria de **fenômeno**, segundo o argumento cético, com o qual será comparado.

*La música, los estados de felicidad, la mitología, las caras trabajadas por el tiempo, ciertos crepúsculos y ciertos lugares, quieren decirnos algo, o*

*algo dijeron que no hubiéramos debido perder, o están por decir algo; esta inminencia de una revelación, que no se produce, es quizá, el hecho estético.* (BORGES, 1974, p. 635).

O que preocupa Borges é a iminência de uma revelação que não se produz frente ao fenômeno. Seu fato estético é mais que um fenômeno cuja constituição é completamente inacessível; funda-se na disposição em fazer-se observador deste fenômeno, pronto a acolher uma variedade de definições. O fato estético segundo Borges tem profunda relação com a leitura estética que efetua, desde a sua juventude e constantemente revisada, sobre o pensamento idealista de Arthur Schopenhauer (OLIVEIRA, 2017, p. 221-223).

A suspensão da hierarquia dos gêneros liga-se ao fato de que todos os juízos são insuficientes; as soluções unívocas e inequívocas que fornecem, propostas de verdade acerca do misterioso fenômeno que abordam, são apenas aparentes. Mas não causa a Borges nenhum mal-estar a irregularidade (*anomalía*) oriunda dos diversos juízos que emergem em suas investigações. O autor vale-se dela, encarnada em sua vasta enciclopédia, para efetuar o já citado ataque argumentativo (associado com frequência à vindicação). Assim, responde a um protocolo que o diferencia profundamente do cético pirrônico (que tem como objetivo, com a *epokhé*, alcançar a *ataraxía*). O observador destes fenômenos, o Borges munido de seu idiossincrático ceticismo, almeja a *taraxía*: a agitação, o assombro. Ele não planeja um retorno ao fenômeno, ainda que a empiria dos céticos entre em atrito com outros juízos, ajudando assim a compor a *anomalía*, por mais que a vertente “materialista” do pensamento venha a ser contestada pelas teses “idealistas”, de Parmênides, Zenão e Schopenhauer, por exemplo. Borges busca, acima de tudo, a manutenção da iminência de uma revelação, e assim configura-se a suspensão das tentativas de acesso à verdade. Borges é um aporético.

## Conclusão

Interessa a Borges, após a reflexão sobre a refutação do tempo, alimentada por uma bibliografia de disciplinas diversas (entre elas, o ceticismo pirrônico), que o argumento ensaiado alcance a assombrosa constatação (a mais empírica em “*Nueva refutación del tiempo*”) de que o tempo é irreversível e que não vivemos outra vida senão a nossa própria (BORGES, 1974, p. 771).

Assombrosos são também argumentos adversos ao empirismo da sentença anterior, como a reação de Lönnrot, de “*La muerte y la brújula*”<sup>27</sup>: diante da incontornável constatação de que será assassinado por Scharlach, propõe ao criminoso,

---

<sup>27</sup> Publicado pela primeira vez em *Sur*, ano 12, n. 92, em maio de 1942. Posteriormente passou a integrar a seção “Artificios” de *Ficciones* (1944).

“cuando en otro avatar usted me dé caza”<sup>28</sup> (BORGES, 1974, p. 507), uma segunda morte, porém diversa, em que o local do homicídio será definido por um paradoxo de Zenão. A alusão é admirável – se o próximo homicídio ocorrerá no meio do caminho, o terceiro ocorrerá em um quarto do caminho; o quarto homicídio ocorrerá em um oitavo do caminho, e assim sucessivamente. Lönnrot solicita a Scharlach uma espécie de punição infernal, eternamente aplicada pelo vilão sobre o detetive equivocado, em um *regressus in infinitum* que é um avatar da corrida entre Aquiles e a tartaruga. E não há, no jogo assombroso, sequer o esboço de tranquilidade, mesmo que o narrador de “*El libro de arena*”, da coletânea homônima de 1975, abandone em uma perdida prateleira da Biblioteca Nacional o livro singular que o assombra – por seu conteúdo indecifrável, pela impossibilidade de abri-lo duas vezes na mesma página, pela ideia de que queimar um livro infinito inundaria o mundo de fumaça e, especialmente, por consumir o tempo e a vida de seu leitor em uma irrestrita dedicação. “*Siento un poco de alivio, pero no quiero ni pasar por la calle México*”<sup>29</sup> (BORGES, 1989, p. 71). O livro não deixará de persegui-lo.

No protocolo estético de Borges, o interessante é sempre poder voltar o olhar ao fenômeno e encontrá-lo em sua essência oculto e, ainda que em potência, acessível. Borges desloca-se da lógica pirrônica porque se interessa pelo empreendimento de acesso ao mistério encerrado no fenômeno, mesmo que consciente da impossibilidade de sucesso em sua empresa. Antes de tudo, há no olhar do observador o desejo de apreender algo secreto, algo que ultrapasse o fenômeno: o próprio fato estético para Borges. Desta forma, o objeto observado estará sempre pronto a uma nova investigação, disponível a um novo ataque argumentativo ou às explorações estéticas dotadas da propriedade de nos assombrar, que animam Borges.

OLIVEIRA, G. P. C. de. Perhaps skeptical: Borges and the esthetics of disturbance. *Itinerários*, Araraquara, n. 45, p. 159-174, jul./dez. 2017.

■ **ABSTRACT:** *This article investigates the esthetic qualities of Jorge Luis Borges's (1899-1986) skepticism. The study starts with a quotation from *Otras inquisiciones* (1952), in which Borges attributes his own esthetical approach of philosophical and religious texts, perhaps, to an essential skepticism. The essay “La muralla e los libros” is fundamental to the study; it allows to compare the esthetic phenomenon, according to Borges, to the skeptical suspension of judgment (epoché). The conclusion is that, differently from the Pyrrhonists, Borges's skepticism does not undertake a quest for tranquility (ataraxia), but for the preservation of disturbance (taraxia).*

■ **KEYWORDS:** *Borges. Epoché. Esthetic phenomenon. Skepticism. Taraxia.*

<sup>28</sup> “quando em outro avatar você me der caça” (BORGES, 2001, p. 157).

<sup>29</sup> “Sinto um pouco de alívio, mas não quero nem passar pela rua México” (BORGES, 2009, p. 105).

## REFERÊNCIAS

- ALAZRAKI, J. Oxymoronic structure in Borges' essays. Trad. Thomas E. Lyon. **Books Abroad**, Norman, v. 45, n. 3, p. 421-427, 1971.
- ARROJO, R. Borges e a maldição de Babel: escritura, interpretação e conflito. In: SCHWARTZ, J. (Org.). **Borges no Brasil**. São Paulo: Editora UNESP; Imprensa Oficial do Estado, 2001. p. 149-163.
- BARRENECHEA, A. M. **Borges: the labyrinth maker**. Trad. Robert Lima. New York: New York University Press, 1965.
- BOLZANI FILHO, R. Ceticismo e empirismo. In: SMITH, P. J.; SILVA FILHO, W. (Orgs.). **Ensaio sobre o ceticismo**. São Paulo: Alameda, 2007. p. 55-90.
- BORGES, J. L. **Obras completas: 1923-1972**. Buenos Aires: Emecé, 1974.
- \_\_\_\_\_. **Obras completas: 1975-1985**. Buenos Aires: Emecé, 1989.
- \_\_\_\_\_. **El idioma de los argentinos**. Buenos Aires: Seix Barral, 1994.
- \_\_\_\_\_. Outras inquisições. In: \_\_\_\_\_. **Obras completas: 1952-1972**. Trad. Sérgio Molina. São Paulo: Globo, 1999. p. 8-171.
- \_\_\_\_\_. **Ficções**. Trad. Carlos Nejar. São Paulo: Globo, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Primeira poesia**. Trad. Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Discussão**. Trad. Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- \_\_\_\_\_. **O livro de areia**. Trad. Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Atlas**. Trad. Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das letras, 2010.
- FERNANDES, F. S. Bibliografia Jorge Luis Borges, 1910-2003: relação cronológica dos textos e livros. **Fragmentos**, Florianópolis, n. 28/29, p. 225-431, jan./dez. 2005.
- FERRATER MORA, J. **Dicionário de filosofia**. Trad. Maria Stela Gonçalves et al. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2004. 4 v.
- OLIVEIRA, G. P. C. de. Jorge Luis Borges em dois juízos finais. **Criação & Crítica**, São Paulo, n. 18, p. 216-233, jun. 2017.
- ROJO, A. El jardín de los mundos que se ramifican. In: \_\_\_\_\_. **Borges y la mecánica cuántica**. Buenos Aires: Siglo veintiuno, 2013. p. 19-29.

